

AVALIAÇÃO DE SERVIÇOS DE SAÚDE

Sergio Gões de Paula

I - SAÚDE

O que é saúde?

Existem muitas definições possíveis para saúde; é uma idéia, um conceito, que muda conforme a cultura - o que um chinês acha que seja saúde é diferente do que um europeu acha - pode mudar com o tempo, dentro de uma mesma cultura - um europeu do século XX tem uma idéia de saúde diferente da de um europeu do século XVII - e, na mesma cultura e no mesmo momento, a idéia de saúde varia conforme as classes sociais, segundo a forma de participação nas atividades produtivas, e, portanto, conforme a maneira em que as pessoas se inserem na sociedade e no mundo.

É fácil perceber que a maneira como dois grupos bem distantes dentro da nossa sociedade (os trabalhadores rurais e os grandes comerciantes, por exemplo) vêem o mundo é bastante diferente entre si: não que sejam opostas, mas apresentam diferenças significativas em suas formas de pensar o mundo, de pensar a vida e a morte. Consequentemente, a maneira em que pensam a questão da saúde é também diferente: as doenças têm importâncias distintas para os distintos grupos: para um trabalhador rural, uma dor nos olhos pode nem sequer chegar a se constituir uma doença; em outros grupos, pode ser um motivo suficiente e sincero para a pessoa não se levantar da cama.

Dizemos que tais diferenças de visão de mundo, de ideologia, são uma consequência das diferentes maneiras em que as pessoas se inserem no processo de trabalho porque, a nosso ver, as atividades produtivas, as atividades econômicas, determinam em última instância a maneira de pensar e a maneira de viver dos indivíduos. E em conjunto com outros fatores, determinam também a saúde e as doenças dos indivíduos: um camponês está mais sujeito a contrair esquistossomose do que um funcionário de banco, ou até mesmo do que um fazendeiro. O trabalho é a atividade fundamental do homem, e determina juntamente com fatores como o relacionamento com o ambiente externo e também as próprias características ge

néticas, biológicas e psicológicas de cada um, os níveis de saúde e os tipos de doença a que cada um está sujeito. Ou seja, em sua luta por conseguir os meios de sobrevivência, o homem se expõe a condições mais ou menos adversas, dispendendo esforços diferentes, por mais ou menos tempo. Isso, na maior parte do dia, na maior parte da vida; é claro que é um fator importante na determinação da saúde e da doença. Desta forma, até podemos dizer que existem "doenças de pobre" - verminoses, parasitoses; e "doenças de rico" - enfartes, estafa. Não que uma determinada pessoa rica, não possa sofrer de esquistossomose; o que queremos dizer é que enquanto grupo, enquanto conjunto de pessoas, enquanto classe social, os mais ricos tendem a não sofrer de esquistossomose, e tendem a sofrer de outras doenças, mais ligadas às suas próprias atividades cotidianas.

Em outras palavras; a saúde das pessoas vai depender, em primeiro lugar, de como as pessoas ganham a vida; como trabalham, o que comem, quanto ganham, em que gastam seu dinheiro, onde moram. Em segundo lugar, vai depender de características biológicas: como seu corpo reage às suas condições de vida. E só em último lugar é que vai depender do tipo de serviços de saúde de que dispõem. Na verdade, a ênfase que normalmente se coloca sobre este último ponto, como fator benéfico à saúde das pessoas, desvia-nos da percepção da importância crucial dos fatores sócio-econômicos. Dificulta-nos também assumir uma posição crítica em relação aos serviços de saúde, não nos permitindo ver com clareza sua impossibilidade de melhorar substancialmente os níveis de saúde da população, assim como os prejuízos que às vezes trazem, ao desviar a atenção dos fatores determinantes, levando a que, em termos de saúde, a reivindicação popular seja mais postos de saúde, e não mais alimentos, melhores salários, mais justiça social.

Não adianta querer definir saúde de forma muito estrita, porque ela é influenciada por muitos fatores, e porque tem a ver com muitas coisas. Que adianta, por exemplo, tentar separar saúde e nutrição? Quantas crianças doentes já não vimos cujo remédio era comida? Que adianta tentar separar doença e pobreza, quando sabemos que os pobres têm mais doenças e vivem menos do que os ricos?

Tendo isso em mente, como premissa, é que se pode planejar corretamente a assistência à saúde, à que, evidentemente,

não se está negando a eficácia, a seu nível. E na luta por melhores níveis de saúde, temos que considerar em primeiro lugar, a importância da higiene, cuja melhora, por si só, pode ser responsável por uma substancial elevação da saúde da população, o que explica a insistência junto a comunidades camponesas, em programas de "filtro ou de "fossa". Mas não podemos esquecer que os programas de educação sanitária que visam modificar hábitos higiênicos, devem ser conduzidos com muito cuidado, de forma muito integrada com o restante da vida das pessoas e da comunidade. E mais: é preciso que o passo inicial da mudança se dê na consciência das pessoas - só se houver o entendimento e a concordância prévia é que pode haver alguma esperança de se mudar tais hábitos. Tal consciência é ainda mais importante quando se tem em mente que os esquemas de dominação cultural inibem a iniciativa das comunidades, e assim, um programa cujo objetivo é auxiliar a população, se não tomar estes cuidados prévios, acaba servindo como mais uma peça de um mecanismo cuja regra básica de funcionamento é impor normas e conceitos externos, desconsiderando iniciativas autônomas.

Algumas vezes ouve-se falar que uma das razões para as más condições de saúde do povo brasileiro é a "ignorância": por ignorância, as pessoas não comem bem, não têm hábitos higiênicos, não se cuidam. Um pouco de reflexão logo nos mostra que não é uma questão de "saber mais" ou "saber menos": como já dissemos anteriormente, devemos considerar que existem "saberes" diferentes: um camponês entende o mundo de maneira diferente do que uma pessoa que viva e trabalhe na cidade - e de maneira perfeitamente adequada à sua vida. Em segundo lugar, - e é aqui que se coloca a razão principal - o saber das pessoas está condicionado pelas condições em que vivem e trabalham. Que adianta explicar para o camponês que a água de um riacho é contaminada, se todo dia ele é obrigado a entrar no riacho, no caminho para a roça? Que adianta dizer: "Se você tomar banho todos os dias dificilmente terá qualquer doença de pele", se a única fonte d'água de que ele dispõe está a muitos quilômetros de distância e toda a água é trazida em potes?

Ora, se a saúde - e as doenças - decorrem de causas tão variadas e amplas, os serviços de saúde que estamos acostumados a conhecer estão errados, ao tratarem as doenças de maneira tão estreita - como se fossem apenas uma questão biológica. E muitos outros erros vamos descobrir, sempre que adotamos essa visão ampla de saúde.

Muito esforço se perde, e muitos erros se cometem quando se tenta curar uma doença, ou seja, agir sobre os efeitos, e esse doente continua exposto às causas da doença: sejam elas a desnutrição, a verminose, a esquistossomose, ou outra qualquer. Que adianta matar o parasita que está no organismo da pessoa, se ela no mesmo dia vai beber água contaminada, vai entrar de pés descalços num lago onde existem caramujos?

II - SERVIÇO DE SAÚDE

Todo grupamento social tem formas próprias de tratar a saúde de seus membros, tem pessoas encarregadas de cuidar das doenças de cada um. Numa sociedade primitiva, por exemplo, sempre aparece a figura do feiticeiro; nas comunidades camponesas é frequente aparecer; o benzedor, ou outra figura semelhante. Algumas vezes, surgem "especializações" maiores: até os dias de hoje, existem em muitos lugares a figura da "parteira", da "curiosa", que têm a função específica de auxiliar os nascimentos. Não é nossa intenção elaborar muito esta questão; só queremos chamar a aten - ção para o fato de que o serviço médico moderno é apenas uma en - tre muitas formas de cuidar da saúde, decorrente de formas anterio - res, com as quais apresenta uma relação histórica, e que, no pre - sente momento, convive com (e domina) outras formas de tratamento, peculiares a determinadas camadas da população. Existem, entre - tanto, profundas diferenças entre a medicina ocidental, "científi - ca", e as outras formas de tratamento de que falamos. Para melhor entendê-las, vamos tentar uma rápida análise de suas característi - cas principais, sem, no entanto, pretendermos fazer sua história.

A característica mais marcante desta medicina é o exa - me e a sistematização do conhecimento sobre o corpo humano, suas funções, disfunções e reações a agentes externos e internos. Para tal, ela aplica métodos que pretende científicos, e que foram cria - dos ao longo de toda a história do conhecimento da civilização oci - dental. Sem dúvida alguma, estão presentes muitos êxitos na histó - ria dessa medicina - os antibióticos, as vacinas e os anestésicos são exemplos importantes. Mas não devemos esquecer que a marcha do progresso traz em seu bojo uma série de contradições, que não po - dem ser vistas de maneira isolada, e que refletem o jogo de inte - resses por trás dessa busca de conhecimento:

Um exemplo disso é o fato de que ao limitar seu estudo ao âmbito do corpo humano, a medicina deixa de lado, na maior par

te de suas disciplinas, os fatores sociais e econômicos determinantes de grande parte das doenças. É por analisar os efeitos, e não as causas, que certos médicos chegam a receitar vitaminas a quem é desnutrido, e que só vai se "curar" disso quando ganhar o suficiente para comprar comida para si e para sua família. Ao ter esta visão, a medicina oficial, deixa de dar conta de inúmeras questões, e é ineficiente no tratamento de diversas doenças.

Outro problema sério diz respeito não só à medicina, mas também a quase todas as ciências desenvolvidas nos dias de hoje, refletindo uma divisão do mundo entre países ricos e países pobres, países dominadores e países dominados, países desenvolvidos e países subdesenvolvidos. É nos países ricos e desenvolvidos onde se produz tanto a maior parte das mercadorias, como também a maior parte do conhecimento científico moderno. Mesmo o que não é produzido nestes países, o é segundo normas dadas por eles, segundo modelos que acabam por beneficiá-los. Desta forma, o conhecimento da medicina oficial está voltado muito mais para resolver os problemas de saúde dos países ricos do que os dos países pobres: tanto é assim, que ao lado de uma grande sofisticação e especialização da medicina em áreas como doenças cardíovasculares, transplantes de órgãos, etc., permanecem sem solução problemas seculares, como esquistossomose, doença de Chagas, etc., que por não se constituírem problemas graves nos países ricos, não recebem a devida atenção dos pesquisadores e cientistas. Mesmo que a solução definitiva para estas doenças seja a eliminação da pobreza, é inegável que a medicina poderia ter um importante papel paliativo.

Na verdade, esta prioridade dada pelo conhecimento médico a determinados tipos de doenças reflete também o caráter de classe de que a medicina oficial se reveste, onde por um lado, as doenças que mais afetam os ricos são as privilegiadas em termos de conhecimento e de atenção, e por outro, o tratamento às camadas mais pobres da população vem sempre revestido de um aspecto de imposição e dominação.

Mas os problemas da medicina oficial não param aí. Na verdade, talvez o mais grave de todos os problemas esteja na forma em que o conhecimento médico é transformado em assistência; da do seu caráter de classe, sua função de dominação - sobre o qual voltaremos ainda a falar - e dado o fato de que tal assistência é criada para as condições dos países ricos, com uso abundante de equipamentos e pessoal especializados, ocorre uma grande ineficiência e desperdício de recursos quando se examina a assistência às populações pobres. E tal problema é extremamente difícil de se resolver: a assistência médica, em quase todos os países, se transfere para uma atividade econômica de peso, que movimenta

milhões de cruzeiros sob a forma de salários, equipamentos, remédios, etc.. Com isso, sob a capa humanitária da luta contra a doença e o sofrimento, encontram-se poderosos interesses econômicos para os quais o importante é o faturamento e o lucro. E tais agentes - laboratórios farmacêuticos, empresas produtoras de equipamentos, etc. - têm força suficiente para influir em diversos campos da medicina - desde o currículo das escolas médicas até a estrutura de assistência de um posto médico.

O resultado é que a assistência médica nos países subdesenvolvidos apresenta características inadequadas e até mesmo prejudiciais - ao insistir numa terapêutica cara, baseada em remédios caros que os doentes muitas vezes não podem comprar. E, se bem que as pessoas que trabalham nos serviços médicos são agentes desta estrutura perniciosa de dominação e desperdício de dinheiro, isso, não está claro para a maior parte: agem baseadas no conhecimento adquirido nas escolas e nas instituições, e sem perceber (ou se importar) como contribuem para a manutenção da dominação econômica, social e cultural, tendem a se achar tão superiores, em termos de conhecimento sobre saúde e doença, que nem sequer se dão ao trabalho de se justificar: desta forma, tanto a estrutura do próprio serviço de saúde, como os diagnósticos e os tratamentos, são impostos de fora, chegando-se ao ponto de nem sequer se dizer ao doente qual é sua doença, quais as causas, por que vai se seguir um determinado tratamento.

Da mesma maneira que ocorre uma separação entre médico e paciente, existe também uma separação entre serviço de saúde e comunidade: o médico muitas vezes nem sequer mora na comunidade, não pertence à mesma classe social, pouco tem a ver com as pessoas que trata. E é sempre como se os especialistas em saúde fossem donos de uma verdade única, que todos tivessem que aceitar e se adaptar.

Outra das consequências dessa atitude de defesa, é a super-valorização do médico, que se reserva as principais funções do atendimento à saúde, em quase todos os casos, levando a que ele passe quase 20 anos estudando medicina para acabar, muitas vezes, realizando tarefas repetitivas, simples, ao alcance de qualquer um com um grau de treinamento muito menor. E como o número de médicos é limitado, e o número de doentes praticamente não o é (no estágio atual da sociedade), acontece que os serviços médicos são muito escassos e deficientes, principalmente por falta de pessoal, quando se poderia ter um número bem maior de serviços médicos simplificados, mas capazes de desempenhar a maior par

te das funções mais rotineiras e mais frequentes do serviço de saúde tradicional.

Mas o problema mais grave, talvez, deste tipo de tratamento médico, é que por não ver a saúde e a doença de forma integrada com os demais níveis de relação social, ~~mas~~ também não se integra, ele próprio, com o grupamento a que se dirige.

Ora, se tudo isto é verdade, então é o caso de se perguntar: as comunidades estão erradas, quando reivindicam e desejam um serviço de saúde? E estes, têm algum papel a desempenhar junto às comunidades, principalmente as mais pobres, exatamente onde os problemas de saúde são maiores? Como deve ser o serviço de saúde adequado?

Se o que dissemos acima está correto, então os "serviços de saúde", podem ser até prejudiciais, não cabendo, portanto, lutar apenas pela instalação de um posto de saúde. Quando se deseja melhorar os níveis de saúde de uma comunidade, deve-se, em primeiro lugar, lutar pela melhoria dos padrões de nutrição, e aqui, embora enfrentando dificuldades estruturais, as técnicas agrícolas podem ser importantes. Em segundo lugar, deve-se fazer um esforço por melhorar os padrões de higiene da comunidade - levando-se em conta que medidas isoladas são praticamente inúteis, e principalmente, que as mudanças de hábitos só se dão se houver uma prévia transformação nas consciências.

Finalmente, deve-se sim buscar assistência médica, deve-se buscar o auxílio da medicina oficial. Mas o serviço médico só será benéfico quando não for imposto de fora, e quando ao invés de se constituir um elemento de dominação, ele for um elemento para que a comunidade torne consciência de si, e de sua capacidade de se ajudar. Isto acontece quando a assistência à saúde é não apenas um serviço médico, e sim um conjunto de atividades integradas na comunidade, em que todos participem e contribuam para a melhoria de suas próprias condições.